

Qualia e Consciência

Ana Maria Guimarães Jorge

RESUMO:

Este ensaio propõe-se a misturar matizes dos conceitos de *qualia* e de consciência a partir de leituras contemporâneas das ciências da cognição, em específico, estudos sobre inteligências denominadas artificiais, e das filosofias da mente, em específico apoio na obra de Charles Sanders Peirce (1839-1914). Esta reflexão ensaiada se põe a examinar marcas das tensões entre posturas dualistas e fisicalistas que buscam comprovação localizada dos fenômenos qualitativos dos sentimentos, sensações e emoções na mente humana. Sob viés diferenciado se enuncia possibilidade de leitura em que sejam evidenciadas marcas para a conaturalidade mente e matéria, expondo a atualização de idéias como frutos das qualidades de sentimentos. Toda consciência é possível se houver intersecção entre fenômenos subjetivos e objetivos.

PALAVRAS-CHAVE:

Mente, qualidades de sentimento, consciência, filosofia da mente.

ABSTRACT:

This article intends to combine different points of view of qualia and consciousness from contemporary lectures of cognition sciences, researches about artificial intelligences, and from philosophy of mind, specifically from works of Charles Sanders Peirce (1839-1914). This reflection examines the dualists and physical views about qualitative faneron as feelings, sensations and emotions in the human mind. The article exposes an understanding of mind and matter in the connatural way, and explains the birth of new ideas from feelings. Finally, it proves that an intersection between subjective (inner) and objective faneron makes all consciousness possible.

KEYWORDS:

Mind, quality of feelings, consciousness, philosophy of mind.

O que é *qualia*? *Qualia* se faz plural de *quale*, palavra latina referente à qualidade abstraída como uma essência universal, independentemente da cor e da forma. O conceito é conhecido nos estudos da filosofia da mente como aspecto qualitativo das experiências humanas. Trata-se de um termo recuperado por Clarence Irving Lewis nos escritos *Mind and the World Order* (1929, p.21). Em termos gerais e filosóficos, os *qualia* se referem ao conhecimento adquirido pela experiência. Eles estão cientificamente e comumente relacionados ao conceito de consciência e trazem questionamentos sobre o problema da relação corpo-mente, ou entre o material e o espiritual.

Os *qualia* estão associados à fenomenologia das cores, sons, sabores, aromas e sensações táteis que enriquecem nossas experiências. Como é experienciar cores, sons, músicas, odores diversos, sentir dores, ódios e amores? Os *qualia* podem constituir um modo específico de ser de qualquer indivíduo ao determinar os



modos de ser de todo indivíduo . Não se referem às propriedades dos objetos em si, tais quais cores, sons e cheiros, mas às experiências individuais que essas qualidades suscitam



no indivíduo, chamada de “propriedades sensitivas subjetivas” que acompanham toda percepção.

É possível conhecer a mente humana ou o que é chamado de consciência? Os estudos das ciências empírico-lógicas dizem que sim. Há os que consideram as bases da *consciência-de-si* em termos metafísicos, ou seja, quanto aos modos de ser dos fenômenos mentais no mundo, e aqueles que a entendem pelas ciências empírico-lógicas das neurociências por meio de pesquisas sobre as inteligências artificiais. No século XX, os estudos da consciência foram desvalorizados em detrimento do conceito de inconsciente, o psiquismo sob leitura psicanalítica, considerando o pensamento e as ações conscientes como influenciados pelo inconsciente. Atualmente são entendidos como aspectos de um

mesmo processo mental e seus temas estudados com interesse: emoções, memória, subjetividade entre *qualia* e consciência, intencionalidade, etc...

Alguns filósofos não fazem distinção entre *qualia* e consciência . David Chalmers, por exemplo, diz que ambos os conceitos são definidos pelos mesmos termos que designam uma mesma classe de fenômenos da consciência, incluindo “experiência”, “*quali*”, “fenomenologia” e “experiência subjetiva”. Uma distinção possível seria pensar em consciência, essa no sentido de processo gerador de *awareness* (sem tradução em português), aquela experiência humana do sentir-se frente alguma situação do mundo, nas palavras do autor, o “aspecto subjetivo da experiência consciente” (CHALMERS, 1996). *Awareness* também pode ser entendida sob definição comportamental, como afirma Alfredo Pereira Júnior (2003, p.111), sendo que o processo condutor para a *awareness* começa com atos de atenção do organismo, receptor e processador de sinais do ambiente para direcionar ações futuras.

Há uma distinção entre *qualia* e consciência, com base nas percepções inconscientes, mas o que aproxima *qualia* de consciência são os aspectos qualitativo e subjetivo de uma experiência. Toda consciência é possível se houver intersecção entre fenômenos subjetivos e objetivos. Não à toa que as ciências empíricas, em específico a neurociência cognitiva, têm desenvolvido uma metodologia que inclui não somente a captação da atividade cerebral durante processos conscientes, mas anotar relatos dos sujeitos sobre seus conteúdos da consciência, correlacionando o que há em comum entre “estados acessíveis ao sujeito da experiência e estados experienciados por terceiros” (PEREIRA JÚNIOR, 2003, p. 113,115; ver FRITH, PERRY & LUMER, 1999).

O “cérebro não revela qualquer célula central”, afirma o filósofo e cientista Charles Sanders Peirce (1839-1914), ou melhor, o que faz qualquer um sentir, emocionar o outro, pensar, e se ver como um “ser de uma espécie no mundo” se deve ao processo contínuo de permanecer sendo “aquela pessoa” pelos anos de sua vida. Todos os homens estão imersos na continuidade ininterrupta dos sentimentos. Esse é o modo de ser do mundo, ou seja, sua metafísica (CP 6.229; 1898) . A experiência consciente de alguém afeta simultaneamente o cérebro, esse canal de acesso às conexões, e se vê distribuída em diversas escalas espaciais e temporais, que “seriam parcialmente descontínuas diante da observação de terceiros, ao passo que a experiência

consciente se apresenta para os sujeitos normais, como um fluxo unitário e contínuo” (PEREIRA JÚNIOR, 2003, p. 113).

O que é a metafísica senão uma ciência abstrata que se refere às coisas descobertas por qualquer ciência e que estão além do alcance da observação direta, por exemplo, não se pode “ver a energia, nem a atração gravitacional, nem as moléculas voadoras dos gases, nem o éter luminífero, nem as florestas da era carbonácea, nem as explosões das células nervosas”. Conforme Peirce, metafísica não significa “além da física”, mas o modo inter-relacionado do físico e mental. A metafísica, caracteristicamente científica, realmente se apóia em observações e se fundamenta em tipos de fenômenos com os quais a experiência do homem está tão saturada que ele, usualmente, não lhes dá atenção particular (CP 6.2 1898; 3.406 1892). Os fenômenos ou elementos não observáveis da física precisam lançar mão dos recursos à abstração para serem investigados.

Como se dá a experiência qualitativa humana? Os *qualia* são entendidos no sentido de consciência e essa no sentido de consciência consciente ou consciência-de-si. Todavia, o conceito de consciência tem sido confundido com o de autoconsciência. Se consciência ou unidade de consciência é fluxo contínuo de consciência, os estudos dos pesquisadores das inteligências artificiais entendem os *qualia* no sentido de autoconsciência e não de consciência. Vamos devagar, ou divagar! Aquilo que tem continuidade universal é a consciência, ou seja, base para o fluxo de consciência e conseqüentemente para a dimensão subjetiva da consciência, e não a autoconsciência.

As acepções da idéia de sentimento e de pensamento, na obra de Peirce, apresentam sentidos não convencionais e não estão restritos “a uma moldura exclusivamente antropológica” (SANTAELLA, 2004, p. 167), assim, as funções da mente não se restringem àquelas dos seres humanos, ou ao reino biológico, mas se estendem aos ambientes das inteligências ditas artificiais. Mente implicaria a “tendência fenomenológica ao aprendizado, à evolução dos sistemas, à mudança de hábitos, às ações direcionadas por propósitos e ao crescimento, sob bases rudimentares ou mais avançadas, ali haverá mente” (W1, p. 333; CP 7.366). Mente não

se restringe à consciência, pois a mente é um fenômeno externo e consciência em si é sentimento, o aspecto interior das coisas, ou o elemento imediato e geral da experiência (CP 7.364).

Tudo que é exterior tem correspondência com o que é interior. Que loucura! Na obra peirceana, o autor faz uma correspondência deste tipo ao refletir que: acaso ou distribuição acásica “não é senão o aspecto exterior daquilo que dentro de si mesmo é sentimento” (CP 6.265). Consciência é um caso especial da mente (CP 7.366). Subjetivo e objetivo da experiência fenomenal e do mundo físico não são contraditórios, mas opostos que se complementam (PEREIRA JÚNIOR, 2003, p.112), ou melhor, interno ou externo são conaturais. Toda qualidade é unidade, na interioridade, e diversidade na exterioridade. A reação é fato passado na interioridade e não-eu, na exterioridade. Toda ordem é permanência na interioridade e regularidade na exterioridade (CP 1.300-16). Peirce concebe “subjetivo” e “objetivo” sob mesmo quadro topológico e continuísta”.

A idéia de sentimento é base para a representação e é anterior à própria noção de existência dos fenômenos, aquela força de vida que concretiza as diversas qualidades de sentimentos, implicando sensação e percepção sensorial (CP 7.530 sd.; 1.317 1910; ver JORGÉ, 2004, p.165). Sentimento, em si mesmo, é “uma qualidade material de um signo mental” (CP 5.291, 1868:), todavia, pode ser também uma representação, ou aquilo determinado logicamente pelos sentimentos que o precedem (CP 5.292, 1868). Os conceitos de conexão entre sentimentos, unidade de consciência e consciência são bases para esclarecer o processo da mente humana.

Qualidades são, para a mente, absolutamente simultâneas, uma primeira síntese facilitando perceptivamente a associação entre idéias (IBRI, 1994, p.128,129). No entanto, o que é unidade de consciência? A experiência de unidade de consciência acontece pela “aproximação de idéias conduzidas por ações fortuitas, reunidas em idéias gerais na produção de associações mentais, sendo que a unidade de consciência não é de origem fisiológica, mas metafísica, afinal, é da natureza metafísica do sentimento ter uma



unidade” (CP 6.229, 1898; ver JORGE, 2004, p. 141). A palavra unidade não é aplicada ao tipo de unidade de uma qualidade, pois o autor reitera que:

“...não há individualidade em uma qualidade de consciência imediata, como o magenta [...] Quando uma unidade é positivamente uma idéia (unidade positiva que envolve dualidade) [...] não há qualquer generalidade na consciência imediata, contanto que permaneça o que era primeiro. A pura unidade não envolve ao menos referência à pluralidade e não está positivamente oposta à generalização, bem como não é destruída quando a generalização acontece. Mas unidade positiva e insistente necessariamente envolve a idéia de dualidade” (CP 6.374-75, 1901).

E o que essa unidade tem que ver com a idéia de consciência? É denominada *quale-consciência* aquilo de natureza da consciência não desperta (CP 6.236-37, 1898). O elemento *quale*, que “aparece por dentro como unidade, quando visto de fora, aparece como variedade”. Mediação se dá pela *quale-consciência* como uma consciência absolutamente presente na sua unidade, formadora de pensamentos (CP 6.222-237, 1898). Qualidade é uma consciência não desperta, adormecida, talvez (CP 6.221, 1898). Qual a relação entre qualidade e hábito, ou mediação? A aquisição de hábitos se refere à propriedade generalizadora das qualidades, ou aquilo que forma nos seres sua identidade (SILVEIRA, 1996, p.74). Novamente a pergunta se impõe. Qual é a natureza e o processo da unidade de consciência? A “consciência subtrai-se

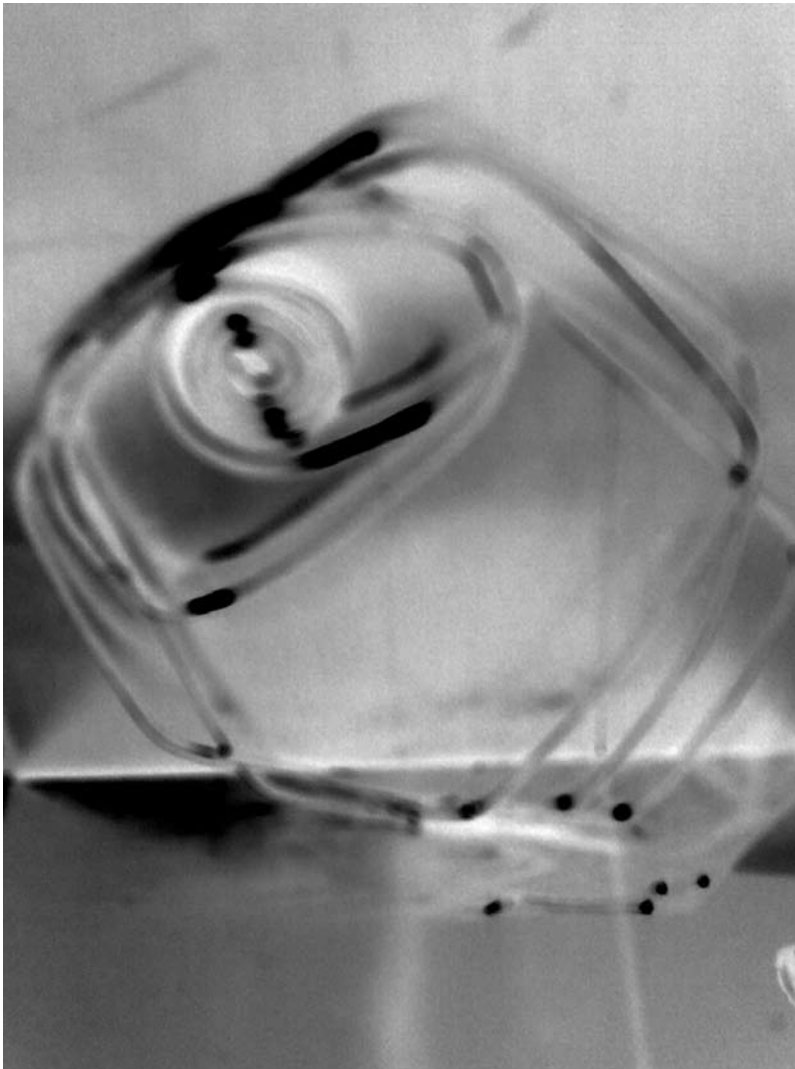


à medida que o hábito se torna estabelecido e é excitada novamente quando o hábito é rompido” e a maior qualidade da mente envolve uma grande prontidão para adquirir hábitos e uma grande prontidão para perdê-los (CP 6.613, 1891).

Essas qualidades sensíveis apresentam diferentes graus de intensidade, maior ou menor. As idéias têm uma outra intensidade, a de vivacidade e a de esmaecimento, não ligados à intensidade ou fraqueza da qualidade sensível, mas a um aparecimento particular dessa qualidade. O grau de vivacidade das idéias presentes na consciência depende de quanto desperto ou alerta se está, pois somente algumas idéias podem permanecer em um nível máximo de vivacidade. Se outras foram passagem para cima, algumas das que estavam na superfície devem submergir: em qualquer momento pode haver muitas idéias na minha consciência com diferentes graus de vivacidade (CP 7.497, 1898).

Idéias perdem intensidade, poder de afetar, mas ganham generalidade, fundindo-se noutras idéias. A idéia é um acontecimento numa consciência individual ou o conteúdo mental da consciência. Todas as idéias se tornam passado e sua possível recorrência é uma outra idéia (CP 6.105, 1891). As idéias não se encontram presentes no mesmo estado de consciência, o que impossibilita compará-las, mas há uma similaridade entre elas que as conectam em pensamentos. Um certo dia essas idéias “todas presentes juntas na consciência, mas ainda “todas muito obscuras lá embaixo nas profundezas do pensamento subconsciente, por acaso se juntam de um modo particular e essa combinação quase instantaneamente lampeja com vivacidade. A associação, ao invés de ser uma disposição natural da mente, pode ser um hábito adquirido da mente” (CP 7.498-499, 1898). Quando uma “qualidade é trazida vividamente à consciência, outras terão imediatamente sua vivacidade aumentada, algumas mais, outras menos. Este processo resulta numa idéia compósita, comparável grosseiramente a uma fotografia compósita que emerge na vivacidade, ou uma idéia geral” (CP 7.498, 1898).

Contudo, o que é autoconsciência ou a consciência de si? A idéia que o homem possui de si mesmo pode ser grosseiramente descrita como um compósito de idéias de suas metas e propósitos, incluindo todos os problemas que o excitam. Ora, os componentes separados desse compósito podem na sua maior parte ser obscuros, mas a idéia total é talvez a mais vívida na consciência. Uma idéia interessante é aquela que tem uma analogia, ou semelhança na forma, com o compósito de metas do homem, assim, ela é conduzida para a vivacidade daquele compósito (CP 7.499, 1898). Autoconsciência, diferente de



consciência, é o conhecimento que o homem tem de si, afinal “cognição é uma consciência do objeto tal como ele é representado” (CP 5.225 1868), ou melhor,

“Se tenho qualquer consciência momentânea do ego, que é parte do sentimento, essa autoconsciência imediata é uma parte do meu sentimento total. A consciência de compulsão tanto quanto a de vontade necessariamente envolvem autoconsciência e também a consciência de alguma força exterior. Autopercepção tem duas variáveis: sensação e desejo. Sensação é um evento em que o sentimento é forçado sobre a mente, enquanto vontade ou desejo é um evento em que um desejo é satisfeito, isto é, um estado intenso de sentimento é reduzido. Em sensação, um sentimento é forçado sobre nós, em propensão, o sentimento força seu modo para fora de nós”. (CP 7.543 sd.).

Para as ciências cognitivas, os *qualia* simbolizam

a distância que existe entre a subjetividade da percepção individual e o sistema físico neuronal a que chamamos cérebro. Em geral, para os estudiosos, o mais perturbador sobre os *qualia* é o modo como se relacionam com o mundo físico. Assim, o “grande problema metafísico é o de tornar compreensível como, em um mundo totalmente físico, se faz possível existência de algo irreduzivelmente subjetivo e fenomenal como a consciência” (COSTA, 2005, p.14). Os questionamentos são muitos: como o cérebro funciona, ou qual é a constituição neurobiológica do material sensível, de que modo dele se produz a percepção e a representação, qual é a estrutura neurofuncional da introspecção? Assim, a consciência passará a ser naturalmente entendida como uma propriedade física emergente da matéria biológica e completamente redutível a ela (COSTA, 2005, p.15). Há controvérsias sobre isso.

Cláudio Costa (2005, p.26) enfatiza que estados mentais podem se realizar nos mais diversos tipos de arranjos materiais, afinal, o cérebro é plástico em suas funções: “mesmo quando eu tiver um mesmo pensamento no futuro, parece improvável que os percursos neuronais venham a ser exatamente os mesmos que agora”. Opinião recorrente dos estudiosos é que acerca da existência dos *qualia* não parece que um cérebro eletrônico possa ter os mesmos *qualia* do humano, ele pode simular dor, ele imita as reações humanas.

Mesmo que ele venha a ser estruturado por unidades eletrônicas análogas às unidades neurofisiológicas humanas, não parece que eles se tornariam capazes de gerar “qualidades fenomenais”, ou seja, a ausência das qualidades sensoriais e emocionais, as do prazer e desprazer (COSTA, 2005, p.31-32). Os *qualia* são tudo aquilo que possui caráter qualitativo-fenomenal na consciência, o que intuitivamente significa que a “dor é um estado qualitativo-fenomenal subjetivamente identificável e bastante desagradável” (COSTA, 2005, p.30).

Teixeira avalia que os *qualia* se tornaram vitais para o conceito de informação em inteligência artificial, embora para alguns autores a sua existência seja controversa, pois não se sabe se eles são experimentados de modo igual ou diferente nos indivíduos. Há novas propostas para a inteligência artificial nas próximas décadas quanto à apropriação do biológico e sua

mescla com o artificial como solução para superar a complexidade do cérebro e do corpo humano – um fator que poderia comprometer sua replicação.

Ensaçando um resumo sobre a questão dos *qualia*, sem pressupor separação entre mental e físico, há na obra de Peirce um princípio amplo e universal para as espécies, neste caso humana, de que sentimento, em si mesmo, é “uma qualidade material de um signo mental” (CP 5.291, 1868), todavia, pode ser também uma representação, ou “um predicado de algo determinado logicamente pelos sentimentos que o precedem” (CP 5.292, 1868). Todavia, o que significa dizer que todo sentimento é “uma qualidade material de um signo mental”? Os fenômenos existem e concretizam diversas qualidades de sentimentos, mesmo uma qualidade potencial implica relação de existência, ou a unidade da qualidade existente em todas as coisas, biológicas ou não (POTTER, 1977, p.92). Os *qualia* são muitas vezes entendidos como causalmente frágeis, pois não modificam em nada o comportamento ou o funcionamento do cérebro humano. Entretanto, como a experiência humana consciente não pode alterar seu próprio comportamento? Mais do que isso, uma tendência mental pode, por exemplo, afetar uma totalidade de pessoas unidas por uma afinidade mesmo que algumas delas não estejam intelectualmente capazes de atingir essa idéia geral, que move o grupo em algumas direções, por suas compreensões particulares. Essa tendência pode afetar diretamente uma pessoa, cabendo ao indivíduo somente compreender a idéia pela afinidade dessa com outra idéia que lhe seja similar, no processo de desenvolvimento do pensamento. Essa idéia também pode afetar um indivíduo por uma atração inconsciente exercida sobre sua mente, chamada de adivinhação do gênio, ou devido à continuidade entre a mente do homem e a da divindade (CP 6.307, 1891). Aquilo que é imediato segue numa corrente contínua através de nossas vidas, afinal, é a soma total da consciência, cuja mediação, que constitui a sua continuidade, é provocada por uma força efetiva real que está por trás da consciência (CP 5.289-90, 1868).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Cláudio. *Filosofia da mente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FRITH, C, PERRY, R and LUMER, E. *The neural correlates of conscious experience: an experimental framework*. Trends in Cognitive Sciences 3(3), 1999, pp. 105-114.

HOFFMEYER, J.; EMMECHE, C.. *Code duality and the semiotics of nature*. In: MYRDENE, A.; FLOYD, M. (Ed.). *On semiotic modeling*, Berlin: Mouton de Gruyter, 1991, pp. 117-166.

IBRI, Ivo Assad (1992). *Kósmos noetós – a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva/Hólon.

IBRI, Ivo Assad (1994). *Kósmos poietikós – criação e descoberta na filosofia de Charles S. Peirce*. São Paulo, Tese de Doutorado, USP, inédita.

JORGE, Ana Maria Guimarães. *O protodiagrama peirceano na heurística da mente*. Tese de Doutorado, São Paulo: PUC-SP, 2004.

JORGE, Ana Maria Guimarães. *Topologia da ação mental – introdução à teoria da mente*. São Paulo: Annablume, 2006.

PEIRCE, Charles S (1995) *Semiótica*. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva.

PEIRCE, C.P. *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. CD-ROM PAST MASTERS. Charlottesville: Intele Corporation, 1992.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. *Uma abordagem naturalista da consciência humana*. Trans/Form/Ação, 26 (2). São Paulo, 2003, pp. 109-141.

POTTER, V. G (1967). *Charles S. Peirce – on norms and ideals*. Massachusetts: The University of Massachusetts Press.

PRIGOGINE, Ilya (1988). *O nascimento do tempo*. Nova Biblioteca 70. Lisboa: Edições 70.

SANTAELLA, Lucia. “*O amplo conceito peirceano da mente: sua relevância para a biologia, inteligência artificial e cognição*”. Encontros com as Ciências Cognitivas, vol. 4, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004, pp. 167-179.

TEIXEIRA, João Fernandes (2000). *Mente, cérebro e cognição*. Petrópolis: Vozes.

TEIXEIRA, João Fernandes (2006). “*O corpo do ciborgue*”. www.filosofiadamente.org

ANA MARIA GUIMARÃES JORGE

Professora de Teoria da Comunicação da FACOM/FAAP e do Instituto Europeo di Design (IED-SP). Pesquisadora do Centro de Estudos Peirceanos desde 1995 (CENEP - PUC-SP); Coordenadora do Grupo de Estudos em Filosofia da Mente do CENEP.